

Gilberto Jasper

Jornalista
gilbertojasper@gmail.com

Sobrevivemos a mais uma disputa eleitoral

Para muitos, houve inúmeras surpresas. O "tsunami da direita" incluiu, entre outros fenômenos, a varredura de figuras da política nacional. Apesar das novidades, bastaria um pouco de experiência ou ser um observador atento para constatar o clima de insatisfação geral.

Exemplo de mudança é a família Calheiros. O patriarca Renan foi defenestrado do Senado, onde reinava desde 1995. O filho, Renan Filho, ministro de Lula — são 39 ministérios! - e candidato a governador de Alagoas, perdeu.

Calheiros resume o que de mais abjeto existe na política com episódios sombrios por décadas e mandatos graças à falta de memória de muitos.

O segundo turno nacional custará caro para nós. Foram torrados bilhões, apenas com o reajuste do Bolsa Família — fato que não acontecia há quatro anos —, enquanto as aposentadorias continuam estagnadas.

Medidas sem lógica também foram adotadas a toque de caixa diante da queda nas pesquisas. A taxa das blusinhas foi criada por Lula e, diante da repercussão negativa, ele mesmo a revogou. O mesmo ocorreu com as bets, sancionadas por ele, mas vetadas por medidas provisórias diante das consequências junto a milhões de famílias.

A eleição também foi marcada por episódios grotescos, como a suspensão do tradicional debate de tevê da Rede Globo. O Judiciário reverteu as regras previamente combinadas com os candidatos. A politização dos magistrados do Supremo Tribunal Federal é mais um capítulo triste, esdrúxulo, caricato e lamentável do Poder Judiciário brasileiro. Resta o segundo turno. Para refletir, comparar e votar.



Nana Vier

Professora e escritora
suzanakunz.1958@gmail.com

Minha primeira campanha

Durante muito tempo, acompanhei campanhas políticas como a maioria das pessoas: do lado de fora. Observava candidatos, propostas, carreatas, bandeiras e resultados. Desta vez foi diferente. Pela primeira vez, participei de uma campanha de verdade. E descobri um universo que eu conhecia muito pouco.

A oportunidade de trabalhar no serviço público foi o caminho que me trouxe até aqui. Foi na Prefeitura que comecei a compreender que política não acontece apenas em discursos, eleições ou gabinetes. Ela está nas decisões tomadas todos os dias e, principalmente, na vida das pessoas que são alcançadas por elas.

Mas viver uma campanha é outra história. Fui para a rua, conversei com muita gente, ouvi histórias, pedi voto, distribuí material, balancei bandeira e até me pendurei na janela do carro durante as carreatas. Quem diria?

Foram dias intensos, cansativos, divertidos e de muito aprendizado. Vi de perto a dedicação de quem acredita em um projeto e descobri uma política feita de gente, de confiança, de lealdade, de trabalho e também de emoção.

Sou grata aos amigos Heliomar e Simone pela confiança e pela oportunidade de viver tudo isso. Entrei nessa campanha de um jeito e saio diferente, entendendo melhor a política, as pessoas e a importância de participar daquilo em que acreditamos.

E descobri algo que não esperava: gostei disso. Muito. Estou pronta para as próximas. E pensar que eu nunca imaginei que fosse gostar tanto de balançar uma bandeira.



Jeronimo Bueno

Escritor e músico
jeronimobuenomusic@hotmail.com

Complexo agrário

Grande parte da minha infância foi passada em um sítio em São Sebastião do Caí. Fui criado pela minha avó enquanto minha mãe trabalhava na cidade. Tive uma vida iluminada nesses prados; meus amigos e eu passávamos as tardes entregues às maiores aventuras. O contato imediato com a terra e os animais foi fundamental para o meu desenvolvimento humano.

O concreto vestido de cinza e a velocidade calamitosa que a cidade proporciona não abrigam meu ser por inteiro. Por isso, sempre preciso voltar ao sítio para me reabastecer dos combustíveis oriundos da terra: o ar "potável", a água do poço, o cheiro da mata e o silêncio. É aqui que jazem minhas raízes; é aqui que vivem as pessoas que me viram crescer e conhecem minha essência.

A natureza fortalece e desanuvia a visão. Os animais livres vivem em sua plenitude, e a presença das máquinas ainda não tomou todos os espaços. Ainda existem olhos para ver e ouvidos para escutar. São milhares as histórias de personagens mirabolantes, de gestos simples e excêntricas gargalhadas que me nutrem com o singelo e o arcaico.

Não há véus nos rostos enrugados dessas pessoas. Elas não precisam viver um personagem ou uma representação para agradar a terceiros, elas não convivem com esse peso,nelas habita uma grandeza silenciosa, feita de ensinamentos que não se encontram nos livros. Não possuem sede de triunfos nem necessidade de aparentar aquilo que não são. Estão à deriva, suando seus corpos pela sobrevivência, atravessando os dias com dignidade e, sobretudo, amando — amando profundamente suas vidas, talvez esse seja o lembrete mais precioso.

Eu, fotógrafo

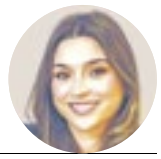
Envie sua fotografia (preferencialmente horizontal) para vidareal@gruposinos.com.br



Flores de cerejeira com sua beleza simples e cativante
Maribel Müller
Taquara

Os artigos publicados nesta página são opiniões pessoais e de inteira responsabilidade de seus autores. Por razões de clareza ou espaço poderão ser publicados resumidamente, o tamanho é de até 1.600 caracteres com espaço. Artigos podem ser enviados para opiniao@gruposinos.com.br.

abc+
Mais artigos em abcmais.com/opiniao



Ana Clara Engel

Fonoaudióloga e musicista
engelanaclara@gmail.com

A música e o cérebro

Muito além de cantar e brincar, a musicalização infantil pode ser uma importante aliada no desenvolvimento das crianças. Ao ouvir, cantar, dançar ou experimentar instrumentos, a criança vivencia estímulos que envolvem diferentes áreas do cérebro e contribuem para a chamada neuroplasticidade, capacidade de criar e reorganizar conexões com novas experiências.

A música promove uma verdadeira integração cerebral. Durante uma atividade, são ativadas, simultaneamente, regiões relacionadas à audição, ao movimento, às emoções, à atenção e ao planejamento. Com a prática contínua, o treinamento musical também pode estar associado a mudanças estruturais no cérebro, fortalecendo conexões.

Na infância, período de intensa formação neurológica, essas experiências comprovadamente favorecem o desenvolvimento da linguagem, da leitura, da atenção, da memória e do raciocínio lógico. A musicalização também estimula a coordenação motora, a criatividade, a socialização e a expressão das emoções.

No entanto, os benefícios não se restringem à infância. A música pode contribuir para a redução do estresse e da ansiedade, além de participar de processos de reabilitação neurológica. Em conjunto com a fonoaudiologia, podem auxiliar no desenvolvimento ou resgate da fala, da memória e da coordenação motora.

Por isso, musicalizar uma criança não se restringe a ensiná-la a cantar ou tocar um instrumento. Significa oferecer experiências capazes de estimular o cérebro, despertar emoções e ampliar possibilidades de aprendizagem. É brincar, aprender e desenvolver-se por meio de uma das linguagens mais universais que existem: a música.



Nery Porto Fabres

Escritor
neryfabres@gmail.com

A serviço do governo

Faltavam exatamente duas horas e meia para o início do debate da TV Globo quando a canetada saiu, foi como uma bomba nos bastidores da emissora. Por volta das 18h50 de uma noite decisiva, a ministra Estela Aranha, do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), emitiu uma liminar relâmpago atendendo prontamente a um pedido da coligação do candidato Luiz Inácio Lula da Silva.

A ordem judicial impôs a imediata proibição de exibição do púlpito e da cadeira vazia que aguardavam o presidente, além de vetar que os concorrentes pudessem questionar ou citar sua ausência. A finalidade oficial era a de resguardar o equilíbrio do pleito, mas o resultado prático foi a censura prévia ao cenário jornalístico.

Mudar as regras de transmissão de um evento dessa magnitude no apagar das luzes soa profundamente ilegal, injusto e autoritário. Essa intervenção cirúrgica de última hora causa um arrepio gélido no Estado Democrático de Direito e planta uma enorme pulga atrás da orelha do eleitor, o qual questiona sobre o evidente interesse político que dita o ritmo de decisões tão convenientes.

O episódio escancara, à luz do dia, a desconfortável e persistente sensação de que cortes superiores, como o TSE e o próprio Supremo Tribunal Federal (STF), operam servilmente para blindar e atender às pretensões do Partido dos Trabalhadores.

Quando o tribunal veste a toga para maquiar a realidade, calar o contraditório e interferir diretamente na liberdade de imprensa, o árbitro imparcial desaparece, dando lugar a um assiste de plantão.